

ENSINO DAS LETRAS: (DES)ENCONTROS DO 3º GRAU*

Alceu Dias LIMA**

RESUMO: Utilização da métrica latina e de algumas noções de semiótica na leitura de hexâmetros virgilianos.

UNITERMOS: Forma, substância, plano da expressão, plano do conteúdo; hexâmetro, bucólica, métrica.

A quem se destina esta fala? Aos que entram num curso de letras com a intenção de adquirir os conhecimentos necessários à reflexão sobre a linguagem verbal tomada como objeto do saber, do saber humano. É claro que, ao entrar no curso, não se tem idéia muito precisa do que venha a ser isso. E ao sair? Não sei. Mas sei que será uma grande e irreparável frustração se isso não ocorrer nos quatro anos do curso. Esta fala não se destina a quem entrou no curso porque “adora inglês”, se por inglês se entende a simples competência para a troca de mensagens, entendida esta, por sua vez, como o simples transmitir e receber informações. Isso os que não têm condições intelectuais para estudar também fazem e muito bem. Para tanto não há necessidade de nenhum curso de letras. Até os cursos de línguas que pululam por aí na sociedade de consumo, e na falta de coisa melhor, o fazem de modo satisfatório. Para ser aluno do curso de letras a que me refiro, é necessário que nalgum momento se tenha intuito, ainda que obscuramente, aquilo que todos podemos ler e por isso mesmo não o fazemos com a devida atenção no mais precioso e injustiçado dos livros de lingüística, os *PROLEGÔMENOS* de Hjelmslev: “A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e o segue em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem dá forma ao seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua

* O texto é a versão escrita das idéias que coligi e, em parte, expus ao participar duma mesa-redonda coordenada pelo prof. José Luiz Fiorin no VI Seminário Regional de Literatura, no IBILCE-UNESP, S. J. do Rio Preto – SP. 1985.

** Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, o último e o mais alicerçado fundamento da sociedade humana. Mas é também o derradeiro, o indispensável recurso do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência e em que o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador” (1, p.1). O texto de Hjelmslev prossegue nesse tom como que profético, como o de um fundador que ele é, mas ao meu propósito basta o que li. O que eu pretendo é agarrar-me aos fundamentos de uma vocação humana – a do homem que trabalha com a linguagem, defendendo-a com ardor e coragem de todos os embustes com que o consumismo procura corrompê-lo. E uma das formas de corromper é justamente essa de fazer crer que a tarefa do curso de letras é levar as pessoas a decifram frases num inglês qualquer e com isso arranjam um emprego. O curso não tem que pensar em emprego, mas em preparar bons profissionais para o ensino. Quem tem que ficar com a preocupação de arranjar-lhe emprego é a sociedade em suas necessidades educacionais. Se queremos dar continuidade à vocação a que aludi ao citar Hjelmslev, será preciso irmos além de todas as preocupações que tenham como objeto o signo ou mesmo os sistemas de signo tomados como expressão e conteúdo. Porque aqui há sempre o risco de nos enganarmos enredando-nos nas malhas do significante ou plano da expressão. O que quero dizer não é que tenhamos que abandonar o trabalho com o significante. Se nós não o fizermos, quem se encarregará disso? O que deve ficar muito claro é que o significante é meio e não fim. Nosso trabalho será truncado e, por isso, frustração, se não chegar, custe o que custar, àquela dimensão simbólica da linguagem de que fala Hjelmslev. No fundo, nós queremos que o nosso trabalho chegue ao homem e não apenas ao nosso aluno. E não é porque, ao trabalharmos um texto poético – uma semiótica de conotação –, homologamos a ela o mesmo aparato teórico que utilizamos para estudar os sistemas denotados, que podemos parar aí. As teorias que se baseiam na semiose biplana dão sempre os mesmos resultados, seja qual for a validação que se busque. E esse resultado é truncado, por força do próprio método, ou seja, dos conceitos operatórios por que se formulam, cujo efeito é a desmontagem termo por termo, elemento por elemento, dos sistemas de signos que analisa. Ora, a leitura singela, a leitura de textos de qualquer espécie visa à verdade una e indivisível, seja ela de que natureza for, científica, filosófica ou poética, à qual não interessam as preocupações com os sistemas de signos enquanto tais. Até, pelo contrário, “a linguagem *quer* ser ignorada: é seu destino natural o de ser um meio e não um fim, e é só artificialmente que a pesquisa pode ser dirigida para o próprio meio do conhecimento” (1, p.3). Cumpre não esquecer que o outro sujeito implicado no poema em seu *fieri*, ou seja, o próprio poeta no afã de revelar o ser, procura o mais das vezes apagar os seus rastros semióticos, para dar-nos apenas a verdade. A ponto de dizermos convictamente: não há discurso mais verdadeiro do que o poético. O que se está aí afirmando é que não há nada mais *humano* do que a poesia. Mas, se esse é o nosso ponto de partida, nada impede que venha a ser também o nosso ponto de chegada.

É tão ruim a leitura semiótica dos textos que os deixa por conta dos seus *disiecta membra* quanto a que se contenta com apontar metáforas saltuárias. Isso só pode

querer dizer ou que o que se encontra entre essas belas imagens não tem valor poético ou que o leitor não foi capaz de ler a poesia. Em qualquer das hipóteses, o trabalho terá que ser considerado como incompatível com o texto objeto. Nesse caso, muito do que lemos e ouvimos sobre poesia tem que ser considerado como impostura, já que impostor é em primeiro lugar “aquele que abusa da confiança, da credulidade de outrem por meio de discursos mentirosos, com a intenção de tirar proveito disso”.

E posto que estou sendo tão categórico nas minhas afirmações, será bom que não termine esta fala sem dar alguma mostra do que entendo por estudo de poesia, a fim de que se possa julgar se por acaso não estão diante de um impostor a mais.

Vamos ter que fazer um trato: vocês e eu vamos fazer de conta que todos aqui tiveram uma escolaridade de 1º e 2º graus que lhes subministrou os conhecimentos de gramática e história antiga necessários, exigidos pelo que me cabe dizer aqui. Fazamos de conta que todos sabemos passavelmente latim e latinidade o suficiente para fazerem-se certas transferências de natureza metalingüística em que estejam contempladas noções de fonética, fonologia, morfossintaxe e semântica do latim e mais alguns dados da história política e social de Roma num determinado momento: a segunda metade do 1º século a.C., quando essa metrópole se debate com seus problemas de classes, em que os pequenos proprietários de terras se vêem de repente acosados pelos ex-combatentes das guerras civis. O sofrimento dos expropriados parece ter influenciado e, mais que isso, despertado em poetas como Virgílio a necessidade de dar voz à dor desses infelizes.

É nesse contexto que devem ser por nós situados os 83 versos da égloga nº 1 da coletânea de dez poemas que constituem o livrinho chamado *BUCÓLICAS*, clássico da poesia pastoril, famoso em toda a cultura ocidental, editado em boa apresentação, ninguém sabe por que, pela Melhoramentos em apresentação bilíngüe no ano de 1982.

Supondo então que a abordagem singela do poema já foi feita, graças à leitura pessoal em que as dificuldades lingüísticas, estilísticas e em relação aos dados de civilização e história de nível escolar foram previamente superadas em sala de aula e na consulta oportuna a obras de referência básicas, e que, portanto, a carga poética da égloga pôde ser sentida por todos na sua força simbólica, não como um conjunto numeroso, mas pouco orgânico de elementos de erudição a que os estudos clássicos muitas vezes são reduzidos, vamos tentar falar da composição de Virgílio como expressão da verdade poética:

Meliboëus:

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi
siluestrem tenui musam meditaris auena;
nos patriae finis et dulcia linqumus arua;
nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,
formosam resonare doces Amaryllida siluas*

(2, *Buc.* I, 1-5)

“Melibeu:

Títiro, tu deitado à sombra de frondosa faia
 ensaias, na delgada flauta, uma canção silvestre;
 nós fugimos da pátria e dos seus doces campos.
 Nós fugimos, tu, Títiro, tranqüilo à sombra,
 ensinas as selvas a ressoarem: Amarflis bela.”

Reproduziram-se aí os 5 primeiros dos 83 versos da égloga I, com uma quase literal tradução. Essa tradução o que pretende é repetir em português o que cada frase latina utilizada por Virgílio para compor essa fala de uma das personagens diz. Não existe a pretensão de traduzir a poesia, mas o idioma latino em seu componente léxico e morfossintático, a fim de ajudar o leitor de língua portuguesa a entendê-la no idioma original. Isso significa, em última instância, que essa traduçãozinha faz parte da metalinguagem, ou seja, ela também é comentário, ao passo que uma tradução de *poema* deve ser, por sua vez, poema. Quando muito, “tradução” como a que aí está ajuda a recompor a fábula, não o poema, pois tanto a fábula, caso haja fábula, quanto as referências históricas, bem como as de língua e estilo pertencem à matéria-prima ou à substância e não à forma. E o poema é a sua forma. Entenda-se: a afirmação da forma não implica, por absurda, negação da substância, pois esses dois conceitos são solidários – estão em relação de pressuposição biunívoca – ou seja, uma forma é logicamente a forma de uma substância. O primado da forma o que significa é que, por exemplo, a poesia de Virgílio é a porção da substância – Roma – que a forma de Virgílio, o seu hexâmetro, recorta e exprime. Sem o hexâmetro de Virgílio, Roma é história, civilização, língua latina, metrificacão até, mas não poema, pelo menos, não como o lemos nas *BUCÓLICAS* e na *ENEIDA!* Centrar a explicação num único verso, como será feito, não quer dizer isolá-lo do poema de que faz parte, mas tomá-lo como momento privilegiado do fazer poético pela facilidade com que se podem explicar muitos dos procedimentos lingüísticos utilizados para construir a forma. Mas é preciso insistir: por mais que devam ser conhecidos os dados da substância, a verdadeira forma só emerge da leitura singela do poema, nunca de nenhuma explicação matalingüística por mais erudita que seja. O verso em questão, como quase tudo que no ocidente chamamos poema, é uma realidade de natureza sonora e não gráfica nem de outra natureza. As letras do alfabeto e outros sinais que traçamos no papel ou no quadro negro para representar, sempre por convenção, fenômenos lingüísticos e métricos não fazem parte do verso enquanto elemento do poema. A experiência dos poetas ditos impropriamente concretistas, no seu comprometimento com aspectos gráficos do produto, ilustra, por oposição, esse fato. Como ente sonoro e concreto, portanto, embora não-gráfico, pode-se até postular para a prolação do verso que tentamos analisar este ou aquele sotaque como sendo mais apropriado à sua interpretação qual artefato cultural envolvendo, no caso, a visão greco-latina de quem, por ter vida cidadina, idealiza a vida campestre. É assim que se ouvirão, quem sabe, os sons graves da voz rouca e rude, por mais que terna e chorosa, do velho pastor hirsuto a dizer no seu dialeto helenizante do sul da Itália:

Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi em que a barreira entre o arbítrio e a

motivação é vencida para que o significado convencional dê lugar ao simbólico: *tu* o signo da língua latina na qual significa por convenção “aquele que me ouve”, “o a quem me dirijo falando”, “o não eu” e, por conseguinte “o oponente”, reiterado integralmente oito vezes no hexâmetro, quatro por aliteração do componente consonântico [t] e outras quatro por assonância da velar [u], além dos efeitos acústicos das vogais e consoantes homorgânicas apicais, converte-se em índice sonoro da música de que fala o hexâmetro seguinte. Desse modo, ao mesmo tempo em que o diálogo verbal se instaura via língua latina em *tu, – e, – ris* (vocativo e 2ª pessoa), ouve-se por imitação o som da melodia a que Melibeu alude. O não-signo (a figura) do plano da expressão, uma vez transformado pela repetição rítmica em índice sonoro, confere o valor poético ao não-signo do plano do conteúdo que lhe corresponde, e ao sentido novo resultante desse jogo – a poesia é sempre lúdica – se chama poema. Por outras palavras, aquelas entidades acústicas que do ponto de vista do idioma latino são figuras da expressão, reiteradas e interpretadas metalingüisticamente por outros signos passam de não-signos verbais a signos indiciais de um sentido que adquire, dessa forma, estatuto poético. Lido pela língua latina, *tu* é um signo, signo da segunda pessoa do singular e pode ser traduzido, por exemplo, pelo português, “*você*”. Lido pelo hexâmetro, ou seja, pela poética latina, *tu* é apenas som, o som [tu] acusticamente perceptível, podendo, por isso, ser elemento, unidade constitutiva do pé e do verso latinos. Nestecaso, *tu* será explorado pelo poeta em suas virtualidades acústicas: quantidade, altura, timbre. Lido pelo poema virgiliano, *tu* é sentido. Não o sentido que a língua pode fornecer enquanto sistema de signos na utilização de qualquer um, traduzível em qualquer outro idioma quer no seu valor denotativo quer conotativo e equivalente a qualquer outra unidade que possua idêntica estrutura métrica. O poema enquanto forma é infenso à existência prévia de qualquer sistema estatuído. O seu sentido consiste no efeito de sentido segundo o qual nada existe antes dele. Nele, no poema, a distância que separa o significante do significado, o social do individual, se anula. Daí a sensação de que o poeta cria *ex nihilo* a verdade. E não é por termos consciência, uma consciência sujeita ao entendimento especulativo e à memória, de que o sentido poético é, na verdade, efeito de sentido, ou seja, algo obtido, em última instância, mediante a organização do significante, que poderemos renunciar a falar dele sem ser com as suas próprias palavras. Toda e qualquer fala sobre poema visa ao sentido. Não ao que se alcança pela mediação do código, pouco importa se o lingüístico ou o da poética, cuja face visível é sempre o significante culturalmente construído e, por isso, confundido com a substância. À forma do poema corresponde a verdade que se intui, se realiza e se esgota inteira no instante da percepção pelos sentidos e pela mente, num só e mesmo ato. O que sobra depois disso e pode ser gravado em fita magnética, impresso em papel, outros materiais, e até retido na memória, não é poema, assim como sons não enformados pela *vontade de organização* não são música.

LIMA, A. D. – L'Enseignement des Lettres: (dé)convenues du 3^{ème} degré. *Alfa*, São Paulo, **34**: 63-68, 1990.

RÉSUMÉ: Il s'agit, dans cet petit article, de l'utilisation de quelques concepts de la métrique latine, ainsi que d'une ou autre notion de sémiotique dans la lecture d'hexamètres de Virgile.

UNITERMES: Forme, substance, expression, contenu; hexamètre, métrique latine.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HJELMSLEV, L. – *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1975.
2. VIRGILE – *Les Bucoliques*. Paris, "Les Belles Lettres", 1963.